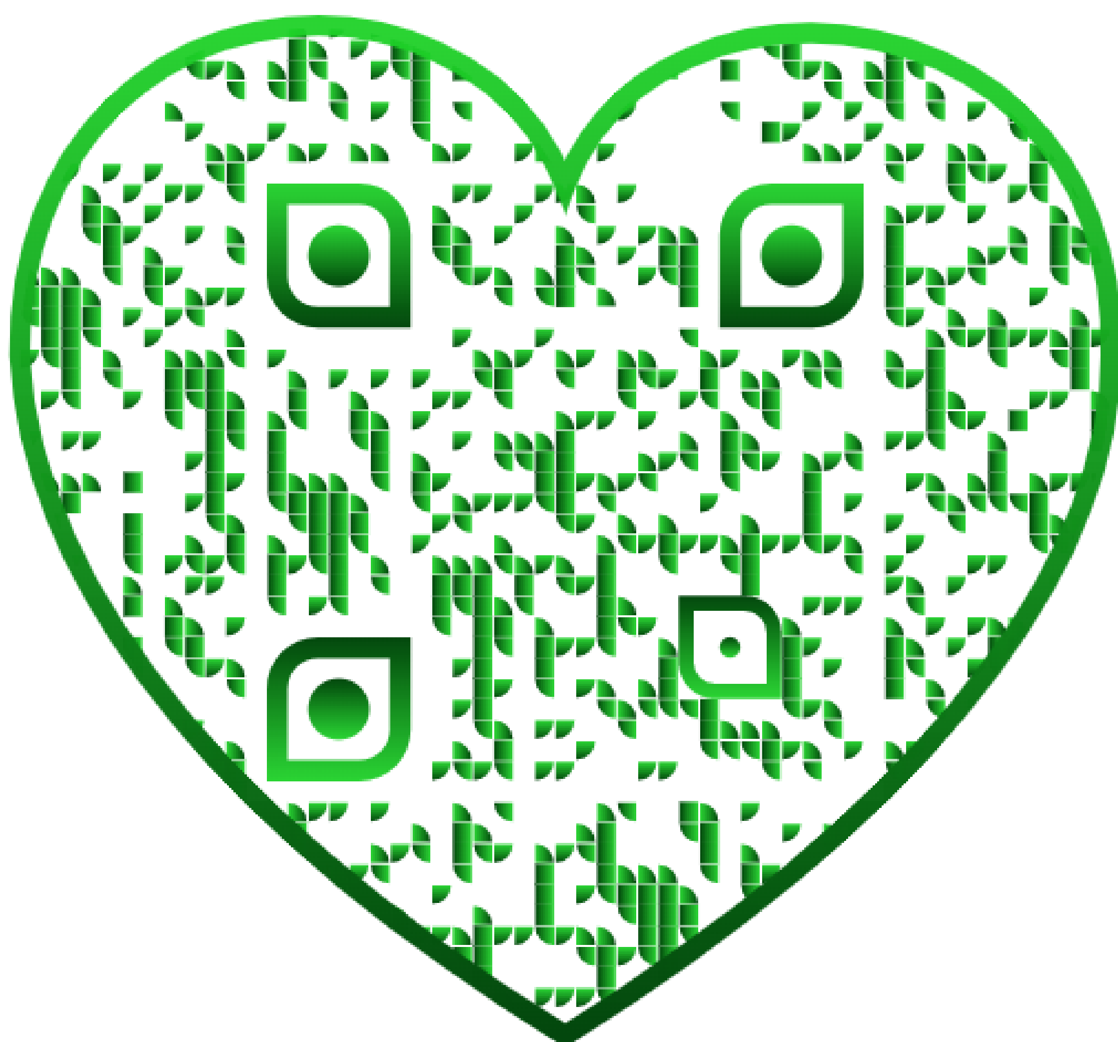
TEATRO DA MORTE

peça humorística
em 3 atos

BATUTA RIBEIRO



Teatro
da Morte

Peça em 3 atos

Batuta Ribeiro

Jacutinga, Minas Gerais

Fevereiro 2014

ATO 1
ATO 2
ATO 3

ATO 1

CENA 1 – Apresentação

Palco vazio. Luzes apagadas. As cortinas se abrem. No centro está a MORTE (ator vestido com uma túnica preta usando uma máscara de caveira, ele segura uma gadanha em sua mão direita). Uma fraca luz se acende sobre ele.

MORTE: O que é pior? Matar ou morrer? Será que é mais fácil você apontar o revólver para uma pessoa e apertar o gatilho, ou é mais fácil você apontar o revólver para sua cabeça e apertar o gatilho? Se fosse para escolher, o que você escolheria? Esse é um dos dilemas que não temos uma resposta na ponta da língua. Bom, isso é só uma brincadeira. Quem irá se deparar com uma situação dessas? Mas e se alguém lhe pedisse: por favor, me mate! O que você faria? E se esse alguém quisesse desesperadamente morrer, e você tivesse a chance de acabar com a dor dessa pessoa? E se fosse uma pessoa que você ama? O que você faria? Será que devemos tomar uma decisão tão trágica para provarmos que amamos uma pessoa? Eu sei o que você deve estar pensando: nossa, essa morte só sabe fazer perguntas! Não quero chateá-lo, essa não é a minha intenção, desejo que você reflita sobre essa linha tênue que existe entre a vida e a morte. Que tal se eu mostrar a minha linha de pensamento de uma forma mais fácil?

MORTE sai. Cortinas se fecham.

CENA 2 – Consultório Médico

LUIZA (atriz entre 40 e 45 anos, usando vestido florido) está sentada diante da mesa do MÉDICO (ator entre 50 e 55 anos de óculos, usando jaleco branco com um estetoscópio pendurado no pescoço).

O MÉDICO entrega um envelope para LUIZA.

MÉDICO: Luiza, a senhora tem planos para o natal ou fim de ano? Planejou alguma viagem? Vai viajar para Ibiza? Cabo Frio? Passar uns dias na praia? Visitar Borda da Mata?

LUIZA: Não, doutor, ainda não planejei nada. Não conversei com meu marido ainda. E o que deu os exames? Está tudo ok?

MÉDICO: Ainda bem que você não fez nenhum plano para o fim ano. Você vai morrer daqui três meses.

LUIZA: O quê?

MÉDICO: Morrer, bater as botas, vestir o pijama de madeira, ir paras as cucuias.

LUIZA: Mas o que eu tenho doutor? Três meses? Isso parece um pouco sério.

MÉDICO: O câncer está alojado dentro do seu cérebro, não tem como retirá-lo. Uma cirurgia seria fatal e eu não quero ser processado. Essa é sem dúvida uma noticia que eu não gostaria de dar para nenhum dos meus pacientes, mas confesso que isso me faz sentir como Deus.

LUIZA: O que posso fazer? Não existe uma cura? Um tratamento nos Estados Unidos?

MÉDICO: Sem chances, Luiza.

LUIZA: Isso não pode ser verdade. Deve haver um engano. Eu não posso morrer, sou uma mulher nova, tem coisas que quero fazer ainda.

MÉDICO: Como andar de caiaque?

LUIZA: Eu queria conhecer o mundo, queria fazer as pazes com meus tios, queria ser voluntária em uma casa de menores marginais, queria aprender a fazer bolinho de chuva, queria plantar uma árvore, escrever um livro e assistir os seis filmes do Star Wars todos de uma vez. Antes de entrar nesse consultório, eu achava que tinha a vida inteira pela frente, e agora meu mundo está acabado.

Os atores paralisam. A MORTE entra.

MORTE: Está vendo? Todo mundo acha que não vai morrer. Todo mundo acorda de manhã, vai para o trabalho e ninguém está nem aí para mim. Acha que eu só fico atrás de gente velha e crianças da África. Ledo engano. Eu estou por aí, vagando, vigiando, esperando a hora certa, como uma raposa esperando a porta do galinheiro ser aberta.

MORTE sai. Atores voltam a se mexer.

MÉDICO: Sugiro que contrate os serviços de uma enfermeira. Daqui pra frente as coisas vão ficar bem feias para o seu lado.

LUIZA: Feias como? Eu vou começar a perder o cabelo?

MÉDICO: Pior que isso, vai chegar um ponto que você nem vai saber o que é cabelo.

LUIZA: Meu Deus, estou sem rumo na vida agora.

MÉDICO: Converse com seus familiares.

LUIZA: A única família que tenho é meu marido Jésse.

MÉDICO: Compartilhe sua dor com ele, isso com certeza vai ajudar.

Cortinas se fecham.

CENA 3 – Quarto do casal

LUIZA está deitada na cama. Entra Jésse (Ator entre 45 e 50 anos, usando terno e gravata).

JÉSSE: Que dia! Que dia! Hoje faturei alto na bolsa. Fechei o dia com lucro acima das expectativas. Cargo de vice presidente, aí vou eu!

LUIZA: Fico feliz por você, querido.

JÉSSE: Eu estava perto da mesa do cafezinho. Era por volta das três da tarde. Eu peguei um copinho plástico e coloquei café. Estava um pouco amargo e quente de queimar a língua. De repente, quem surge do meu lado?

LUIZA: Quem?

JÉSSE: O presidente da empresa. Surgiu atrás de mim como quem não quer nada. Eu quase que engasguei com o café. Eu não sabia o que dizer, fiquei pálido, gelado e amedrontado. E você não sabe o que ele me disse.

LUIZA: O que ele disse?

JÉSSE: Ele disse assim, com uma voz rouca e poderosa: “bom trabalho, Jésse, estou de olho em você”. Uau! Ouvir aquilo foi como música para meus ouvidos. Finalmente, depois de tantos anos dedicados, eu serei reconhecido naquela empresa.

LUIZA: Que ótimo, Jésse. Vamos sair para jantar?

JÉSSE: Era só essa que faltava... Você querendo sair para jantar. Em vinte anos de casados nós só saímos três vezes para jantar fora. Achei que você tivesse vergonha de sair comigo, o que aconteceu?

LUIZA: Eu fui ao médico hoje.

JÉSSE: O que será que tem para o jantar? Espero que a cozinheira tenha feito macarrão, hoje com certeza é um dia que merece macarrão.

LUIZA: Como estava dizendo, eu fui ao médico hoje.

JÉSSE: Sei, você já disse isso.

LUIZA: E o médico falou...

JÉSSE (interrompendo): Você passou na locadora?

LUIZA: Locadora?

JÉSSE: Não se lembra que eu pedi pra você, se acaso fosse sair, para passar na locadora.

LUIZA: Desculpe, Jésse, eu estava com tanta coisa na cabeça.

JÉSSE: Que droga, Luiza, eu só peço pra você fazer uma coisinha de nada para mim e você dá mancada. Eu compro jóias, compro esses vestidos que você nem usa, pago a fatura do seu cartão e nem para passar na locadora pra mim. Aposto que até esqueceu o nome do filme que eu pedi.

LUIZA: Missão Impossível?

JÉSSE: Melhor é Impossível com o Jack Nicholson e Helen Hunt. Você não sabe diferenciar um filme de ação de uma comédia? Você conseguiu estragar o meu dia maravilhoso.

LUIZA: Desculpe, amanhã eu vou lá e alugo.

JÉSSE: Amanhã eu não quero. Eu queria hoje. Eu queria comer um belo jantar, depois me deitar no sofá e assistir Melhor É Impossível, eu só queria relaxar um pouco dando boas risadas. Quer saber? Eu vou sair pra ver um filme no cinema e eu vou sozinho.

Jésse sai batendo a porta do quarto. Luiza se encolhe na cama. Entra FABIANO (ator entre 30 e 35 anos, usando uniforme de motorista).

FABIANO: O que aconteceu, Luiza? Jésse saiu dando coice até na sombra. Perguntei se eu poderia levá-lo onde queria, mas ele me disse para ir para o inferno.

Luiza levanta-se e vai abraçar Fabiano

LUIZA: Fabiano, meu querido, eu me sinto um lixo, uma coisa inútil e sem valor. Sou a mais desgraçada de todas as mulheres.

FABIANO: Calma, o que aconteceu?

LUIZA: Eu estou morrendo, Fabiano, estou morrendo. Tenho um câncer no cérebro e vou morrer daqui três meses. Minha vida está por um fio.

FABIANO: Não pode ser. Justo você?

LUIZA: O meu tempo está acabando e receio que nosso amor também irá se acabar. Abraçar você e saber que você me ama são as únicas coisas que me dão forças nesse momento.

FABIANO: Meu amor por você nunca vai se acabar. Eu te amo e te amarei eternamente. Mesmo vivendo esse romance proibido e mesmo sabendo que você nunca se divorciaria de seu marido para ficar comigo, que sou um pobre motorista, eu vou te amar para sempre.

LUIZA: Coloque a mão em meu coração.

Fabiano coloca a mão no seio de Luiza.

LUIZA: Sinta o meu coração batendo forte, um coração batendo forte de paixão.

FABIANO: Sim, estou sentido! E o meu coração também bate forte.

LUIZA: Mas o meu coração irá parar daqui três meses. Eu vou morrer.

FABIANO: Não repita essas palavras, se você morrer eu também quero morrer. Quem sabe nos encontraremos em outro mundo e assim poderemos viver o nosso amor sem medo e sem nos esconder no banco de trás do carro.

LUIZA: Você morreria por amor?

FABIANO: Sim.

LUIZA: Você mataria por amor?

FABIANO: Sim, Luiza. Eu te amo mais do que tudo e por amor posso mover as maiores montanhas dessa terra.

Luiza vai até a cômoda. Abre a gaveta e pega um revólver. Depois estende para Fabiano.

LUIZA: Vamos acabar com o nosso sofrimento. Me mate, Fabiano, ponha fim ao meu desespero! Ponha fim ao inevitável. Me mate e depois se mate para nos encontrarmos no outro mundo.

Fabiano pega o revólver.

FABIANO: Isso parece um tanto exagerado, Luiza. Não seria melhor esperar...

LUIZA: Não há cura, não há milagre. Vamos, Fabiano, você disse que moveria uma montanha por mim. Eu apenas estou pedindo para apertar o gatilho. E depois você se mata.

FABIANO: Sim, mas isso...

LUIZA: Você não disse que me amava? Que moveria uma montanha? Que mataria por amor?

FABIANO: Mas eu disse num sentido figurado. Eu não posso matar você.

LUIZA: Se você me ama, então me mata!

FABIANO: Mas por que você quer morrer agora? Não é melhor esperar a natureza fazer isso?

LUIZA: Qual a diferença de morrer agora ou depois? Eu só quero evitar aborrecimentos, lágrimas e decepções. A cada minuto nessa terra é uma dor a mais em minhas costas, em minha alma. Como posso viver sabendo que logo vou morrer. Eu não quero viver nessa ansiedade. Me mate, Fabiano! Você me ama e eu te amo. Você me mata e depois se mata, e vamos nos encontrar no outro mundo.

FABIANO: Mas, e se não existir o outro mundo?

LUIZA: Confie no amor e atire.

FABIANO: Desculpe Luiza, mas eu não posso fazer isso.

LUIZA: Covarde!

Luiza tira o revólver das mãos de Fabiano.

LUIZA: Suma da minha frente e nunca mais se atreva a olhar pra mim, seu verme! Você não é homem! Você não passa de um mentiroso mequetrefe. Saia! Saia!

Fabiano sai.

LUIZA: Maldito amante! Enganador! Me enganou nesse tempo todo. Eu sou mesmo uma idiota em confiar no amor de um chofer. Ele disse que me amava, mas era mentira. Tudo não passou de sexo. Como fui acreditar que ele me amava? Como sou idiota! Ninguém me ama! Meu marido há muitos anos que nem sabe a cor dos meus cabelos, nunca me perguntou

como estou, nunca quis saber onde quero ir, nunca mais disse me sacanagens. O casamento nos distanciou e depois de vinte anos nunca tivemos um filho. Por culpa minha, eu nunca quis. A idéia de abandonar a minha vida para cuidar de uma criatura nunca me agradou. Jésse sempre quis um filho. Acho que ele pensa que sou uma egoísta, que só penso em minha vida, em meu conforto, em minhas necessidades e não quero compromissos com uma criança. Ele tem razão, sou tudo isso, mas agora, sabendo que vou morrer em breve, a idéia de que não deixarei nada de bom nesse mundo me corrói! Não quero viver com tantos sentimentos ruins! Se é para morrer sozinha, que seja agora!

Luiza aponta o revolver para sua têmpora. Fica por longos segundos com os olhos fechados.

LUIZA: Eu não consigo.

Abaixa o revólver. Cortinas se fecham.

ATO 2

CENA 5 – Apresentação

Cortinas se abrem. Palco escuro, as luzes se acedem. A MORTE está no centro do palco.

MORTE: Luiza recebeu a triste noticia de sua doença incurável. O médico lhe garantiu de uma forma um tanto insensível de que ela não teria mais do que três meses de vida. A coitada ficou arrasada! Ela tentou compartilhar sua dor com o marido, só que ele estava muito irritado por ela não ter alugado seu filme favorito, então Luiza compartilhou sua dor com seu amante, o chofer. Em uma cena melodramática a mulher propôs ao amante morrerem juntos para viver um amor no “outro mundo”. Claro que o amante não aceitou a proposta: quem em sã consciência mataria uma mulher e depois se mataria para encontrá-la no “outro mundo”? Luiza quis se matar, mas não encontrou coragem, não conseguiu estourar a cabeça. Faltou-lhe um pouco de dor, de aflição, de tristeza e loucura para apertar o gatilho.

Morte sai. Cortinas se fecham.

CENA 5 – Igreja do pastor

Cortinas se abrem. PASTOR (ator entre 25 e 30 anos, usando camisa e gravata) conta o dinheiro de uma sacolinha. Entra FABIANO.

FABIANO: Ainda bem que o encontrei, Pastor, estou precisando muito de sua ajuda e de sua sabedoria.

PASTOR: Olha só quem está precisando da minha ajuda agora? Se não é Fabiano, o motorista! Lembrou-se que existe uma igreja aqui? Lembrou-se que Deus existe? É sempre assim, não é mesmo? Quando a água bate na bundinha vem correndo pra igreja gritando: Pastor, me ajude! Faz dois meses que você não aparece e agora vem correndo pedir minha ajuda. Caso você tenha esquecido, suas mensalidades do dizimo estão atrasadas.

Fabiano tira dinheiro do bolso e dá para o pastor. O pastor sente cheiro do dinheiro.

PASTOR: Isso é muito bom. Agora, me diga o que te afliges? Está com uma doença grave? Quer arrumar uma namorada? Quer ter um aumento de salário?

FABIANO: Eu tenho uma namorada... Quer dizer, uma amiga. Eu tenho uma amiga que está em grandes apuros. Ela descobriu recentemente que tem um câncer na cabeça, coisa muito grave! O médico disse que ela tem apenas três meses vida.

PASTOR: Traga ela aqui que iremos fazer um culto para curá-la! Com a graça de Deus eu irei operar um milagre nela.

FABIANO: Não seja ignorante, Pastor, eu sei que o senhor não pode curar câncer. Eu só quero que o senhor tire essa idéia maluca de suicídio da cabeça dela.

PASTOR: Como assim?

FABIANO: Ela quer morrer para não sofrer, acha que a vida não compensa mais ser vivida. Está desanimada, triste, descrente em tudo. Quero o senhor vá até ela e a convença de que é necessário ter esperança e deixar que Deus arrume a situação. Convença ela do poder Deus, a faça se converter, eu quero que seus últimos dias sejam transbordado da graça divina.

PASTOR: É um gesto lindo esse que você está fazendo, Fabiano. E como você acabou de pagar o dizimo eu vou fazer essa bondade. Quem é sua amiga e onde ela mora?

FABIANO: Ela é minha patroa, chama Luiza. Se quiser eu o levarei agora mesmo até ela.

PASTOR: Antes de ir, preciso pegar minha Bíblia.

FABIANO: Ler passagens da Bíblia vai ser muito bom para ela. Boa idéia, Pastor.

PASTOR: Eu não vou ler passagens. Eu guardo o dinheiro dentro da bíblia. Os bandidos nunca roubam bíblias!

Cortinas se fecham.

CENA 6 – Quarto do casal

Luiza abre o guarda roupa e começa a jogar vestidos em cima da cama. Jésse entra.

JÉSSE: O que está fazendo? Está contando quantos vestidos tem? Ou está pensando em jogá-los fora e atualizar o guarda-roupa? Está pensando em comprar novos vestidos? Claro que você vai comprar vestidos com o meu dinheiro, mas eu não acho ruim. Pode torrar o meu dinheiro com seus vestidos idiotas.

LUIZA: Primeiro, não vou jogar meus vestidos fora. Vou doá-los para um bazar de caridade. Segundo, não vou comprar vestidos novos e nem atualizar o guarda-roupa, pode ficar tranqüilo que não vou pegar um centavo seu.

JÉSSE: O que deu em você pra fazer filantropia? Viu na TV algum documentário sobre a pobreza mundial? Ou de repente a minha esposa teve um surto de Madre Tereza?

LUIZA: Meu querido marido, apenas vou doar esses vestidos porque daqui uns dias não vou mais precisar deles, como também não vou precisar de mais nada que esteja aqui.

JÉSSE: Do que está falando? Vai para algum retiro espiritual? Aposto que eu vou ter que pagar essa frescura também.

LUIZA: Não meu marido, eu não vou pra nenhum retiro espiritual. Daqui três meses eu vou morrer por causa do câncer no meu cérebro que não tem cura.

JÉSSE: Sério?

LUIZA: Eu tentei lhe dizer ontem à noite, mas você estava muito preocupado com a porcaria do filme.

JÉSSE: Por Deus, Luiza, você devia ter me contado! Me perdoe, por favor me perdoe! Puxa vida, como sou idiota!

Jésse abraça Luiza.

JÉSSE: O médico tem certeza que não há cura?

LUIZA: Sim, ele me garantiu.

JÉSSE: Talvez exista algum tratamento nos Estados Unidos.

LUIZA: Não tem jeito, Jésse, não há saída nem tratamento. Eu estou fadada a morrer daqui três meses.

JÉSSE: Eu não posso acreditar nisso. A vida não pode fazer isso comigo. Perder você? Pra mim, isso seria a morte. Você é tudo o que mais amo nesse mundo, você é quem me faz voltar feliz pra casa, você é a esposa que eu sempre sonhei, a razão da minha felicidade.

LUIZA: Não diga bobagens, eu sei que você sempre teve um pouco de magoa por eu não querer ter filhos. Admita que seu amor por está se esgotando a cada ano.

JÉSSE: Nunca, o meu amor por você continua o mesmo e até maior.

LUIZA: Agora que tenho pouco tempo na terra, me sinto arrependida de não ter tido um filho. Irei morrer e nada de mim ficará para trás, eu fui uma idiota. Vou deixá-lo sozinho sem nenhum filho.

JÉSSE: Isso é o de menos, o importante é aproveitarmos o tempo que resta. Providenciarei para que seus dias sejam os melhores possíveis. Não deixarei que nada falte a você.

LUIZA: O médico falou que preciso de uma enfermeira.

JÉSSE: Pois vou contratar a melhor enfermeira que eu consegui achar. E também irei pedir uma licença na empresa para passar mais tempo com você. Quero aproveitar cada instante em sua companhia.

LUIZA: Mas, querido, e a sua promoção a vice-presidente, você lutou tanto por isso, uma licença seria um ponto negativo nessa hora.

JÉSSE: A minha esposa é mais importante do que qualquer promoção. Não se preocupe com isso, eu sei o que estou fazendo. Vou ficar junto de você, isso é o mais importante para mim agora. Eu te amo, Luiza, te amo demais e que aproveitar cada segundo desse amor.

LUIZA: Jésse, você nunca foi assim tão doce comigo, me sinto como uma colegial apaixonada ouvindo isso.

Jésse beija Luiza

JÉSSE: Vou procurar por uma enfermeira.

Jésse sai.

Luiza coloca um vestido na frente do seu corpo e começa a dançar e a cantar vocalizando. Entra o PASTOR.

PASTOR: A senhora é Luiza?

LUIZA: Sim, sou eu, e quem é o senhor que entra no meu quarto sem bater? E quem o deixou entrar? O senhor parece um cobrador de ônibus.

PASTOR: Eu sou pastor de igreja, minha senhora. Quem me deixou entrar foi Fabiano, o seu motorista e amigo. Ele me pediu que viesse conversar com você.

LUIZA: E o que eu teria para conversar com um pastor?

PASTOR: Muitas coisas, por exemplo: o seu destino depois que morrer. Fabiano me falou sobre sua doença. Eu lamento muito.

LUIZA: E o que você poderia fazer por mim? Por acaso, você é um médico que tem a cura para o câncer?

PASTOR: Eu posso não ter a cura do câncer, mas tenho o remédio certo para a alma. Fabiano me disse que você quer morrer. Está descontente, desiludida.

LUIZA: Sim, eu estava. Mas agora estou bem, me sinto renovada, não temo mais a morte.

PASTOR: Pois deveria.

LUIZA: E por quê?

PASTOR: Se você não sabe, existe um lugar chamado inferno. É pra esse lugar que os infiéis são mandados quando morrem. E quando digo infiéis, estou me referindo a pessoas que não seguem os mandamentos de Deus e não levam uma vida de orações. A menos que você tenha sido uma boa esposa em todos esses anos, e que tenha seguido a palavra do senhor, então você não precisa temer a morte. Porém, se você foi uma mulher infiel, que não ajudou o próximo, que não participou da igreja e nem fez orações com regularidade, então a morte deve ser um inimigo a temer.

LUIZA: Deus perdoa todos os seres humanos.

Pastor solta uma risada alta.

PASTOR (exibindo sua Bíblia)

Já leu esse livro de ponta a ponta para fazer tal afirmação?

LUIZA: Não, mas minha mãe me falou.

PASTOR: Vou lhe dizer uma coisa, minha irmã, Deus ama as pessoas, mas Ele ama quem faz as coisas que Ele pede. Eu li essa Bíblia de cabo a rabo, conheço todos os segredos e pode acreditar em mim: existe o inferno como também existe o céu. Péssimas noticias para você, minha irmã: depois que morrer, você irá sofrer no inferno, irá queimar no mármore quente e comerá as migalhas da mesa.

LUIZA: Inferno? Eu não quero ir para o inferno? Eu não quero sofrer.

PASTOR: Então agora se deu conta da grávida da situação? Muito bem, acho bom mesmo que você tema o inferno, pois não é um lugar muito agradável para senhoras gran finas.

LUIZA: Pastor, me ajude! O que faço para conseguir minha salvação? Eu quero ir para o céu, para um mundo melhor. Eu não quero ir para o inferno!

PASTOR: Certo. Isso já é bom começo. Agora se ajoelhe e confesse que é uma pecadora suja.

Luiza ajoelha-se diante do Pastor.

LUIZA: Eu sou uma pecadora suja!

PASTOR: Você foi uma boa esposa para seu marido?

Luiza fica em silêncio. Pastor coloca a Bíblia diante dela.

PASTOR: Nem pense em mentir. Você está diante da palavra de Deus, aquele que tudo sabe e tudo vê. Vamos, responda a pergunta.

LUIZA: Não! Eu não fui uma boa esposa. Fui infiel e traí meu marido diversas vezes, inclusive nesse quarto e nessa cama.

Pastor da um tapa na cara de Luiza e ela cai no chão.

PASTOR: Sua imunda! O inferno é uma casa limpa e cheirosa diante da sua cama. Estou com nojo e asco de você. Eu queria sentir pena, mas não consigo. Meu estomago embrulha só de olhar para seu rosto.

Luiza agarra as pernas do Pastor.

LUIZA: Pastor, tenha piedade de mim!

PASTOR: Tudo bem, eu vou lhe salvar, afinal, sou um homem de Deus. Levante-se.

Luiza fica de pé.

PASTOR: Você deverá contar tudo a seu marido e deverá pedir o seu perdão. Pode ser que ele não a perdoe, mas Deus a perdoará por seu ato. O primeiro passo para a salvação é pedir o perdão divino. Também irei rezar

por sua alma e fazer cultos em sua intenção. Para isso, pedirei uma pequena oferta para a Casa de Deus.

LUIZA: Claro.

Luiza vai até a cômoda e pega suas jóias. Entrega-as para o Pastor.

LUIZA: Essas são as minhas jóias mais valiosas.

PASTOR: Muito bom, Luiza. São realmente belas jóias.

Pastor guarda as jóias no bolso.

LUIZA: Vou fazer o que senhor pediu, vou contar tudo para meu marido e pedir seu perdão.

PASTOR: Ótimo! Ótimo! Agora eu preciso ir andando, tenho mais ovelhas negras para converter. Adeus!

Pastor sai. Luiza se ajoelha no chão e faz o sinal da cruz.

LUIZA: Eu serei salva e não irei para o inferno.

Luiza paralisa. Entra a MORTE.

MORTE: O inferno! O inferno! O horror! O horror! Tudo ligado ao meu nome! Por quê? Eu deveria ser assim tão ruim? Por que ninguém pensa em mim como o sono eterno? Todo mundo gosta de dormir não é mesmo? Então, o meu trabalho é cuidar para que os outros entrem em um sono eterno. A única diferença é que esse sono não tem sonhos e nem fim. Eu não consigo entender esse papo de inferno, de céus e anjinhos. É terrível a idéia de que não existe nada além da morte, mas o que eu posso fazer? Luiza vai escutar um monte do seu marido quando revelar a ele de sua infidelidade. Tudo em vão! E ela vai fazer tudo isso por causa de seu medo bobo de ir para o inferno! Que horror! E agora fechem as cortinas que acabou o segundo ato.

Luzes se apagam e cortinas se fecham.

ATO 3

CENA 7 – Quarto do casal

Cortinas se abrem. Luiza está deitada na cama debaixo dos lençóis. Jésse entra trazendo o café da manhã em uma bandeja.

JÉSSE: Bom dia, meu amor. Preparei o seu café.

LUIZA: Não precisava.

JÉSSE: Como assim não precisava? É o mínimo que posso fazer por minha adorável esposa.

Jésse coloca o café da manhã para Luiza.

LUIZA: Que café maravilhoso, Jésse! Obrigada amor!

JÉSSE: Fico contente que esteja feliz. Como está se sentindo?

LUIZA: Estou com um pouco de dores, mas isso não é nada demais.

JÉSSE: Eu vou chamar o médico.

LUIZA: Não precisa, querido. Daqui a pouco eu melhoro, é só uma dor passageira.

JÉSSE: E a enfermeira? Está gostando dela? Ela está cuidando direito de você?

LUIZA: Até demais! Ela é um amor de moça! Muito atenciosa e prestativa!

JÉSSE: É bom ouvir isso.

LUIZA: Jésse, querido, preciso revelar uma coisa séria pra você.

JÉSSE: E o que seria?

LUIZA: Faz dias que ando pensando em lhe dizer isso da melhor forma e confesso que não sei como você irá reagir, estou um pouco apreensiva.

JÉSSE: Pode falar amor, o que foi?

LUIZA: Promete que não vai me odiar?

JÉSSE: Nada poderia me fazer odiá-la. Pode falar.

LUIZA: Bem... Nesses anos todos que estamos casados...

Entra ENFERMEIRA (Atriz loira entre 18 e 20 anos, usando uniforme branco).

ENFERMEIRA: Perdoe-me interromper. Com licença.

Enfermeira faz menção de sair.

JÉSSE (para Enfermeira): Espere! Pode ficar, eu já estava saindo.

JÉSSE (para Luiza): Depois conversamos. querida. Estarei lá embaixo se precisar.

Jésse beija Luiza e sai. Enfermeira fecha a porta.

ENFERMEIRA: Como dormiu. dona Luiza?

LUIZA: Bem, obrigada!

ENFERMEIRA: A senhora deseja que eu faça alguma coisa?

LUIZA: Você já tomou café?

ENFERMEIRA: Sim, senhora.

LUIZA: Por favor, sente-se aqui.

Enfermeira senta-se à beira da cama.

LUIZA: Já faz um mês que você está me ajudando. Eu sou muito grata por isso e a considero minha amiga. Você é a pessoa com quem eu passo a maior parte do tempo.

ENFERMEIRA: Fico até sem jeito que me considere sua amiga.

LUIZA: Eu posso lhe fazer uma pergunta?

ENFERMEIRA: Sem dúvida, pode perguntar o que quiser.

LUIZA: Suponha que você esteja em meu lugar, que saiba que irá morrer em poucos meses. Você é casada com um bom marido. Só que você o traiu diversas vezes. Você foi uma esposa infiel. Você contaria sobre sua infidelidade ao marido antes de morrer?

ENFERMEIRA: É uma pergunta difícil, Dona Luiza.

LUIZA: Não, de forma alguma. Isso é apenas um dilema moral que a vida coloca em nossos caminhos de vez em quando.

ENFERMEIRA: Qualquer mulher não contaria sobre a infidelidade ao marido antes morrer. O que ela iria ganhar contando a verdade? Acredito que quando se é moribundo, pedir desculpas é muito fácil, porque também é fácil de receber o perdão. Por outro lado, o marido poderia desejar-lhe uma morte mais lenta e dolorosa.

LUIZA: Então você não contaria a ele?

ENFERMEIRA: E por que contar? Pra arranjar problemas desnecessários? E além do mais, o que isso adiantaria? Eu vejo da seguinte forma: é melhor morrer sendo amada do que odiada.

LUIZA: E a moral? Como alguém pode partir com um peso desses nas costas? Você não ficaria com a sensação de culpa?

ENFERMEIRA: Sinceramente, não. Há certos segredos que devem ficar em segredo. É mais fácil viver com a culpa do que com o ódio e o rancor. É assim que penso, não sei se a senhora concorda comigo.

LUIZA: Até que a sua idéia faz sentido. Obrigada! Será que você poderia levar a bandeja do café?

ENFERMEIRA: Claro!

Enfermeira pega a bandeja e sai. Luiza tenta se levantar e não consegue. Coloca a mão sobre a barriga e se contorce de dor. Abre a boca para gritar, mas de sua boca não sai nenhum ruído.

Enfermeira entra.

ENFERMEIRA: O que foi, dona Luiza?

LUIZA: Meu estomago. Ele está doendo muito. É uma dor horrível, nunca havia sentido isso antes.

ENFERMEIRA: Volte a se deitar.

Enfermeira ajuda Luiza a se deitar na cama.

ENFERMEIRA: Eu vou pegar o remédio para dor.

LUIZA: Não! Eu não quero tomar nenhum remédio que irá acabar com o meu corpo. Eu não quero morrer sem cabelos.

ENFERMEIRA: Mas as dores vão aumentar. A senhora não pode passar tanto tempo sem tomar seus remédios.

LUIZA: Esses malditos remédios não irão me curar! Não quero morrer dopada. Eu vou agüentar a dor.

ENFERMEIRA: Sua atitude é louvável, ainda mais sabendo como é o câncer no estágio final.

LUIZA: Nem me diga, eu sei que é horrível.

ENFERMEIRA: Pior, é um pesadelo. É muito triste de se ver. Digo isso por que antes de vir ajudá-la, cuidei de um senhor doente. Ele também tinha a mesma doença que a senhora, câncer de cérebro. Fiquei com ele até seus últimos dias. Ele não falava, não reconhecia seus parentes, não conseguia mais levantar um dedo... Além de tudo, havia as dores. Por sorte ele aceitava tomar os remédios. Eu no lugar dele, me mataria. Não há dignidade em morrer por essa doença maldita.

LUIZA: Pelo jeito que diz, até parece que você aconselharia o suicídio no meu caso.

ENFERMEIRA: De maneira alguma, dona Luiza, eu nunca aconselharia você a fazer uma tolice dessas. Só estou falando do meu ponto de vista. A senhora não quer tomar remédio para não perder esses seus cabelos lindos, a senhora quer ser vaidosa até o último minuto de sua vida, mas quando chegar o último minuto, talvez a senhora nem tenha mais consciência de sua vida. Será apenas um vegetal humano.

LUIZA: Um vegetal humano?

ENFERMEIRA: Eu não seria tão forte como a senhora, não mesmo. Se eu tivesse um revólver em casa, Deus me perdoe por isso, mas eu atiraria em minha cabeça. Mas procure não pensar nisso, dona Luiza... Eu vou preparar um chá para a sua dor.

Enfermeira sai. Luiza vai até a cômoda e pega o revólver na gaveta. Volta para o centro do cenário. As luzes se apagam e somente Luiza fica iluminada.

LUIZA: Sou uma covarde, podem me chamar de covarde, mas o medo de sofrer é tão feroz do que morrer. Viver e não viver, esperar a morte chegar, sofrer esperando, agonizar, ser motivo de estorvo para os outros, engolir a misericórdia dos olhares compassíveis, escutar o silêncio do constrangimento, viver e não conseguir viver, querer e não poder. Não há esperança sem luz no fim do túnel, o fim do poço é pra onde vou. Que Deus possa me perdoar, mas estou com muito medo de viver sem viver. Irei dar o passo sem volta, ser levada para o inferno, para o céu, não sei... Só sei que não quero mais ficar aqui.

Cortinas se fecham. Barulho de tiro.

CENA 8 – Quarto do casal

Jésse e Enfermeira entram. Luiza está caída no meio do chão.

JÉSSE: Não acredito que ela fez isso.

Enfermeira checa o pulso de Luiza.

ENFERMEIRA: Morreu.

JÉSSE: Tem certeza?

ENFERMEIRA: Certeza, nem adianta chamar o médico.

JÉSSE: Vou ligar para a policia. Não toque em nada. Eles devem ter certeza que Luiza se suicidou.

ENFERMEIRA: Nunca pensei que seria tão fácil fazê-la cometer suicídio.

JÉSSE: Agora estamos livres para amar.

Jésse e Enfermeira se beijam.

ENFERMEIRA: Quer dizer que finalmente você vai se casar comigo?

JÉSSE: Já não, minha querida. Temos que esperar Luiza esfriar no tumulo. Não quero que os outros pensem que eu era amante da enfermeira

que cuidava da minha esposa moribunda.

ENFERMEIRA: Quanto tempo teremos que esperar?

JÉSSE: Umas duas semanas.

ENFERMEIRA: Tudo isso?

JÉSSE: Uma semana está bom para você?

ENFERMEIRA: Melhor.

Os dois começam a se beijar. Barulho de gente batendo na porta.

JÉSSE: Mas quem será?

Jésse abre a porta. Entra Médico.

MÉDICO: Olá, Jésse, Enfermeira, como vão? Onde está a Luiza?

Médico vê o corpo de Luiza estendido no chão.

MÉDICO: Por minha Santa Mãezinha, cheguei atrasado.

JÉSSE: Por que doutor?

MÉDICO: Por um descuido tolo de minha parte, eu troquei o exame de sua esposa por de outra paciente.

Médico tira um envelope do bolso do jaleco e entrega para Jésse.

MÉDICO: Conforme diz os exames de Luiza, ela não tem câncer na cabeça e nem outra doença que se pareça com isso. Pra dizer a verdade, ela é mais saudável do que eu, pois tenho hemorróidas. Mas parece que eu perdi a viagem, de qualquer forma tenham um bom dia!

Médico sai. Luzes se apagam. Cortinas se fecham.

CENA 9 – Epilogo

Cortinas se abrem. Luiza está no meio do palco usando um vestido preto.

LUIZA: Onde estou?

Morte entra.

MORTE: Bem vinda ao mundo dos mortos.

LUIZA: Quem é você?

MORTE: Eu sou a Morte.

LUIZA: O que vai acontecer comigo agora?

MORTE: Nada.

LUIZA: Nada?

MORTE: Nada. Vamos ficar nessa escuridão para sempre.

LUIZA: Isso parece um pouco entediante.

MORTE: Se quiser, você pode sair para assombrar os humanos. Isso é bem divertido.

LUIZA: E o inferno que o Pastor me falou?

MORTE: Quer inferno pior do que passar a eternidade sem fazer nada?

LUIZA: Você tem razão, mas e o céu? E Deus? Não irei vê-lo?

MORTE: Claro que vai. É só você imaginá-lo em sua mente.

LUIZA: Está me dizendo que Deus não existe?

MORTE: Acreditar em Deus faz as pessoas serem melhores, conseqüentemente, o mundo fica melhor. Se as pessoas não acreditassem em Deus, o mundo hoje em dia estaria bem pior. Bem pior mesmo.

LUIZA: Já que não tem nada pra fazer e nenhum lugar pra ir, eu vou me sentar.

MORTE: Podemos dançar.

LUIZA: Sem música?

MORTE: É só imaginar.

Morte joga sua gadanha de lado e pega nas mãos de Luiza para dançar. Os dois ficam dançando em silêncio. Luzes se apagam. Cortinas se fecham.

FIM

Sobre o autor

Olá, eu sou Luciel Ribeiro, mas pode me chamar de Batuta. Sou natural de Jacutinga, uma pequena cidade do interior de Minas Gerais.

Obrigado por ler e desfrutar o meu livro. Espero que tenha se divertido.

Se puder, visite o meu, www.saladobatuta.blogspot.com.br. Se quiser, me mande um, lucielribeiro@gmail.com, com sua critica, sugestão ou mensagem. Caso tenha encontrado algum erro de ortografia ou gramática, também me dê um toque, por gentileza!

Veja outros livros do Batuta